

**Apontamentos do testemunho de ENRICO CRAIGHERO**  
**nos Exercícios Espirituais dos jovens trabalhadores**  
**de Comunhão e Libertação. Rímíni, 14 de maio de 2017**

**Eugenio Nembrini**

Fiquei realmente impressionado ao ouvir os cantos desta manhã, que não foram escritos por um sacerdote ou por um religioso, mas são o grito, o canto de mulheres e homens, de cada homem e de cada mulher desta terra: gritam, pedem, desejam uma plenitude, e em formas diversas; mas todas, de modo radical, cantam não sobre uma presença pensada, mas sim uma presença real, de um amigo real. “Se tu não estivesses aqui / Pobre de mim”<sup>1</sup>, o que seria a minha vida? Ontem encontramos um personagem: Zaqueu. Todos os anos tem um que se torna mais amigo, mais companheiro de caminho. Este homem como nós, semelhante a nós, ao qual há dois mil anos acontece aquilo que estes cantos gritam, pedem, aquilo que o nosso coração grita e pede.

Ontem à noite, lia algumas das cartas e das perguntas que me chegaram e impressionava-me um fato: não existe quase nenhuma pergunta que peça: “Pe. Eugenio, amanhã de manhã ajuda-nos a entender tal passagem porque não entendi”. Não, não, não; todos – todos! – contam sobre a provocação que foram para si estes dias. E há toda a gama – belíssima! – de reações, desde quem me diz: “Pe. Eugenio, mas eu estou ótimo, estou muito bem, não sinto nenhuma necessidade”, a quem escreve: “Pe. Eugenio, estou muito mal. Está me acontecendo de tudo e mais um pouco. Afinal, onde está esse bem? Onde está esse bem da realidade? E onde está esse Deus que diz ser meu companheiro de caminho? Se você soubesse!”. Uma gama infinita de homens que, diante da realidade, diante destes dias, são provocados a trazer à tona as perguntas, os desejos mais profundos do coração.

Esta manhã, perguntamos a um amigo: aquilo que aconteceu há dois mil anos, aquilo que vimos em Zaqueu é um sonho, é uma coisa lindíssima do passado, ou representa uma possibilidade também hoje para este homem que grita, pede, vive, que é provocado pela vida, por si mesmo, pelos filhos, pelo que acontece? O que é que acontece a um homem que quer bem à sua humanidade, à sua necessidade, à sua pobreza e que inicia o caminho da vida? Pedimos ajuda ao Enrico, que nos contará de si.

**Enrico Craighero**

Obrigado. À parte a emoção que, evidentemente, me desculparão, eu começaria contando coisas simples que me aconteceram na vida e que de algum modo a marcaram, porque não há nada como as circunstâncias. A realidade que cada um de nós deve viver é a coisa mais bela e maior que temos, ainda que muitas vezes a realidade não seja como nós pensamos ou imaginamos. A vida é um pouco como um campo de jogo: todos gostariam de jogar sobre um tapete de relva perfeito, porque pensamos que assim se possa jogar melhor. Não digo que possamos nos divertir mais, mas certamente se pode jogar melhor. Normalmente, porém, a realidade é um campo de jogo cheio de pedras e onde há pouca relva. E, então, se corre logo um risco – pelo menos eu o corri –, um risco talvez alimentado pelos amigos: “Oh, mudemos o campo de jogo!”, como quem diz: se pudermos, vamos tentar mudar um pouco, esta realidade.

**O campo de jogo e um olhar feliz**

---

<sup>1</sup> Mina, “Se tu non fossi qui”, texto e música de M. Terzi e C.A. Rossi, 1966.

Quando nasceram os meus dois filhos, Paolo e Lele – que hoje têm 36 anos – ambos com uma deficiência grave, o campo de jogo imediatamente me apareceu não exatamente um tapete de relva. Mas houve uma coisa que me tocou e a recordo muito bem: embora dentro da dificuldade daquele momento, eu não queria mudar este campo de jogo, mas queria ver como se viraria Aquele que tinha me dado aquele terreno particular, aqueles dois filhos, como me permitiria viver e como responderia a tudo o que o meu coração desejava, que era a felicidade.

Quando o campo de jogo se torna algo pesado, quando a realidade se torna difícil e parece inimiga, há um aspecto que na minha vida nunca perdi de vista: deve dar crédito à sua humanidade, ou seja, a como você reage. Também uma reação, também uma desilusão, também uma inquietude, tudo o que emerge em você quando a realidade é assim difícil, tudo isso serve. Não se entende de imediato que serve, mas é preciso ceder também a este não entender de imediato, porque serve. Porque muitas vezes nós temos pressa na vida. É como se o tempo fosse contra nós. No entanto, é paradoxal ver como o tempo nos é dado para deixar emergir algo de belo mesmo diante de uma realidade tão dura e difícil. No fundo, no fundo, era este o desejo que tinha: que de uma realidade que me parecia tão difícil, tão complexa, quase impossível, pudesse sair uma beleza. Desejei-o, sobretudo naqueles quatro anos em que a vida foi verdadeiramente dura, verdadeiramente difícil, quase no limite do impossível. Quatro anos em que, mais avançava o tempo e mais faltava o ar, mais eu respirava afanosamente, com dificuldade; quatro anos em que parecia que tardava em chegar a resposta ao desejo de beleza que alguém tinha posto no meu coração.

O que deve acontecer para que uma realidade tão dura possa começar a falar, a fazer emergir algo que você espera, mas que não sabe o que é? É preciso que aconteça uma coisa simplicíssima, aquela que me aconteceu uma noite, depois daqueles primeiros anos tão duros: estávamos à mesa, eu dava de comer ao Daniele, enquanto a Angela, sentada à minha frente, dava de comer ao Paolo; aquela noite – noites como aquela tinha havido tantas naqueles quatro anos, mas aquela noite foi diferente – levantando os olhos, cruzei o olhar com a minha mulher e vi os dela alegres, vi dois olhos que olhavam a realidade daqueles dois filhos como eu não era capaz de olhar. Também eu olhava aqueles dois filhos, mas a realidade não me falava, pra mim era como que inimiga. Ela, pelo contrário, olhava aqueles dois filhos e era feliz. Imediatamente – como dizia ontem o Pe. Eugenio, meia hora depois do encontro com Jesus na sua casa, Zaqueu decidiu restituir quatro vezes aquilo que tinha roubado –, naquele instante, dentro daquele instante, aconteceu uma coisa simplicíssima: veio-me uma inveja daqueles dois olhos da minha mulher e um desejo de tê-los também eu. E, logo depois, veio-me uma pergunta enorme, a grande pergunta: “Mas o que vê ela que eu não vejo? E, no entanto, também eu olho, mas ela o que vê que eu não vejo?”.

Aquele foi o instante mais decisivo da minha vida porque, a partir daquele momento, aquilo que antes era um peso, uma dificuldade, tornou-se uma aventura. Mas não uma aventura para mudar a realidade, não um esforço para modificá-la, não um esforço para eliminar o limite dos meus filhos; não, não. Tornou-se uma aventura para procurar entender quem estava em condições de dar um olhar assim à minha mulher. Toda a minha vida foi isto. De fato, o instante daquela noite reaconteceu milhares de vezes, porque se tivesse permanecido só o instante daquela noite, hoje estaria aqui a contar uma recordação que talvez, tendo passado trinta e dois anos, já estaria bem desbotada no tempo. E, no entanto, não, reacontece. Aquele olhar continua a reacontecer.

No ano 2000 – era um momento da minha vida um pouco escuro, um daqueles momentos em que você enxerga tudo negro – fui ao Cazaquistão por trabalho. Os meus amigos deram-me o nome de um padre (que depois era ele, Pe. Eugenio, mas naquela altura não o conhecia). Uma noite resolvi percorrer três mil quilômetros em direção à China para ir encontrá-lo, e lá fui. Desço do avião. Eram duas da manhã. E ele lá apareceu, e às cinco parti de novo para regressar à Europa. Dentro do coração tinha toda esta dificuldade da vida – espero não ter sido o único a experimentá-la –, uma escuridão, uma dificuldade. Não me lembro o que dissemos naquelas duas horas; uma coisa, porém, recordo bem. Voltei para casa após aquele encontro dizendo-me: “Enrico, mas se aquele

padre, tal como é, desfruta a vida, se está contente de viver ali onde está, a você o que falta para viver e para desfrutar da vida como ele?”.

Este ano vieram de férias conosco o Fabio e a Patrizia e contaram-nos da sua vida com os amigos presidiários. Passaram de tudo um pouco (não vou detalhar aqui, mas digamos que se tratou de uma vida bastante complexa) e, no entanto, eu os vi alegres. E volta a pergunta: mas o que olham? Mas quem lhes dá olhos assim? Quem é que pode dar-lhes um olhar tão belo e interessante sobre a realidade? Porque a realidade, não há nada a fazer, pode olhar-se de dois modos – os modos são mil, mas se podem reduzir a dois. Quando vou com os meus filhos à casa de amigos que têm filhos pequenos, para estes, mas também para os pais, preocupados pelas crianças, o impacto com o Paolo e o Lele é muitas vezes difícil, justamente. A realidade pode causar medo. Depois se vê que, passados cinco minutos que estamos ali, os pais começam a mudar, no sentido que deixam de ter aquele medo que os tinha caracterizado até um segundo antes. E os filhos, vendo que os pais já não estão com medo, começam também eles a não ter medo. Por que isso acontece? Os pais sempre me dizem: “Porque estão aqui você e a Angela. Porque olhando para eles como vocês os olham, sem medo, como filhos, vem-nos uma grande vontade de olhá-los também assim”. E pergunto-me sempre: mas este olhar, este Zaqueu na árvore e Jesus que passa por baixo, é assim tão difícil de ver, de reconhecer?

Conto-lhes um episódio do Lele. O Lele é aquele que, dos dois, se mexe muito. A nossa salvação é quando vão para a cama; não é a salvação porque vão para a cama, mas quando vão para a cama podemos tomar fôlego, respirar. O Lele está sempre agitado, mas quando está na cama ninguém o consegue mexer: calmo, debaixo da coberta. Uma noite eu disse à minha mulher: “Angela, amanhã de manhã vou encontrar-me com um amigo”, que é também amigo do Lele, alguém de quem basta pronunciar o nome... E de fato, apenas pronuncio este nome ele atira as cobertas, salta da cama e, para manifestar toda a sua vontade de viver, começa a derrubar tudo aquilo que encontra, por isso é preciso segurá-lo. Este fato me impressionou: um nome! Um nome sussurrado, e nem sequer num contexto preciso, um nome! Um nome faz sair um homem da cama em que estava a dormir. Tira-o da cama e atira-o para o real. Um nome, percebem? É impressionante. Um nome! Mas por que é que – perguntei-me – o Lele intercepta tão facilmente aquele nome? Por quê? Poder-se-ia dizer: “É um deficiente!”. Mas seria redutor, lamento. Porque é um homem necessitado de tudo, por consequência capta quem o salva, quem o liberta, quem o lança no real, quem lhe quis bem, quem o olhou, quem o considerou como homem, quem não o tratou como limitado, como deficiente; por isso saltou da cama.

Diferentemente do irmão, Paolo não anda e não se mexe. Tenho uma grande sorte: todas as manhãs tenho que levantá-lo da cama, porque sozinho ele não consegue, não é capaz. Não é um pouco assim a nossa própria vida? Quem pensa ser capaz de sair da cama sozinho, talvez comece a apostar tudo em si; pelo contrário, ele não é capaz e o recebe com um sorriso enorme, como se o esperasse, em tensão à espera que você abra a porta, entre no quarto e o levante para lhe dar de comer. E aqui termino a primeira parte da minha intervenção: há uma salvação que eu desejo tanto como a desejam todos os homens, incluindo os meus filhos. E se a esperamos, se temos necessidade dela, se percebemos que não podemos fazê-la sozinhos, se não estamos ali a fazer raciocínios de todo o tipo, procurando negociar as coisas, agarramos esta salvação, porque esta salvação está presente hoje, não é algo de ontem e nem sequer algo do futuro. A mim interessa-me uma salvação hoje, como interessa aos meus filhos.

### **Amar a dramaticidade de um caminho**

Há um segundo aspecto que também entendi nestes dias: a questão da liberdade, que é então a questão da estrada. A este propósito tenho em mente um episódio que aconteceu exatamente nesta sala há uns três ou quatro anos. No sábado à noite voltávamos pela terceira vez ao salão onde estavam o Silvio, Cattarina e quatro dos seus rapazes da comunidade terapêutica “L’Imprevisto”,

que contam uma história dramática, em alguns aspectos mesmo trágica, um caminho verdadeiramente pesado. E depois falam de como estão agora, de como recomeçaram a apreciar a vida. No final do encontro, Pe. Eugenio fez uma pergunta a todos nós, que estávamos no salão: “Quem não gostaria de ter filhos assim?”. Explodiu um aplauso. Lembro-me como se fosse agora. Como dizendo: “Eu, eu, eu!” Todos nós quereríamos filhos assim. Naquele momento, Pe. Eugenio nos fez uma segunda pergunta: “Mas quem de vocês estaria disposto a aceitar toda a estrada que estes rapazes tiveram que fazer para chegar a este ponto?” Foi como uma espécie de gelo. Eu pensei: que amor à liberdade do outro (do filho ou do marido, da mulher, dos amigos) é preciso ter para amar a dramaticidade de um caminho, de uma estrada! E que certeza eu preciso ter! Que certeza devo ter não nas minhas capacidades, mas que Deus cumprirá! É como quando à minha filha Arianna morreu o namorado, Bizzo (muitos de vocês o conheceram). O pai dele me telefonou de manhã dizendo: “Enrico, Giovanni morreu. Você deve contar para Arianna”. Garanto a vocês que, ao ouvir estas palavras, não conseguia entrar no quarto da Arianna para lhe dizer o que tinha acontecido. Como se recusasse aquela realidade. Não conseguia. Depois me veio um pensamento simplicíssimo, veio-me à cabeça, não produzido por mim, mas como fruto de algo que não sei dizer, mas disto falarei depois: “Enrico, mas você se acha mais inteligente que Cristo, que criou a Arianna, pensa mesmo que você sabe melhor do que Cristo de que coisa ela tem necessidade para se tornar uma mulher?”. Só este pensamento me permitiu abrir a porta e dizer à Arianna aquilo que devia lhe dizer. É impressionante! Desde aquele momento, este pensamento me acompanha na vida, porque quando estou diante de pessoas, amigos, marido, mulher, coisas que dão certo ou não dão, quando não sei que resposta dar no momento, em 99% dos casos eu não sei dar respostas; ou quando você imagina uma resposta, tem um pensamento que menciona, pensa que aquela seja a coisa justa a dizer ou a fazer, vem-me este pensamento: “Mas você, Enrico, é mais inteligente que Cristo para saber de que coisa tem necessidade aquela pessoa?” E por que é que me veio um pensamento como este? Pela pertença a uma companhia como a nossa, que, aos pouquinhos, me educou e modificou um pouco o meu cérebro, a minha mentalidade, uma companhia que me ajuda a colocar dentro das coisas também um fator último que está na origem de tudo: o Mistério, um Mistério encontrado, um Mistério que se fez companhia. Isto se tornou para mim algo imprescindível.

Há um outro episódio que exemplifica a questão da liberdade, eu prefiro contar fatos, porque é inútil fazer teorias sobre as coisas. Quando vamos à montanha, eu vou com o Paolo, que não anda sozinho, mas se o seguro e o ponho à minha frente ele é capaz de andar. O que o Paolo me ensinou é uma coisa muito simples, uma coisa que eu percebo justamente estando com ele: eu faria o caminho da montanha correndo – digo-o mesmo assim: eu faria correndo! – mas, em vez disso, cabe-me fazê-lo com o passo do Paolo. Quantas vezes na vida me aconteceu quase de odiar o Paolo porque me obrigava a fazer o caminho naquele passo! Se nós não aceitamos e não cedemos à modalidade e à forma com a qual Cristo nos leva ao destino, com a qual a realidade nos leva ao destino, nos tornamos violentos. É preciso a liberdade de respeitar aquilo que existe, em vez de seguir as imagens ou os pensamentos que você tem na cabeça.

### **Em silêncio, a olhar para a sua liberdade**

Quero falar-lhes de um último aspecto da liberdade, para mim decisivo, que descobri – em *par condicio!* – na relação com a minha filha, que é a “normal” da família. Uma noite chega em casa e diz: “Pai, mãe, me fizeram uma grande oferta de emprego” (ela estudou para ser professora), uma oferta de emprego que se tivessem feito a mim, eu já estaria trabalhando: boa, consistente, segura, com dinheiro e possibilidade de carreira. Conta-nos desta grande oferta de emprego e depois diz: “Mas aquilo que eu encontrei na vida me fez ter paixão por ser professora, por isso vou ser professora”. E hoje é professora. Tentem imaginar por um instante os pais que vêm chegar a filha em casa com uma proposta estupenda, com um pedaço de realidade inimaginável, com a

possibilidade de ganhar dinheiro; qual é a primeira tentação? Dizer-lhe: “Isso vai resolver tua vida, aceita! Pare de ir atrás de fantasias ou de desejos que tem no coração. Chega, acaba com isso!”. Aquilo que nos surpreendeu, a mim e à Angela, é que, pelo contrário, naquela noite permanecemos calados diante da nossa filha. Em silêncio, só olhando para a sua liberdade. É difícil! Porque tínhamos vontade de encerrar o assunto: “Vou te explicar como é a vida, digo que é melhor assim, aceite!”. Ficamos calados. E, assim, hoje ela é professora.

Na vida de marido e mulher, as coisas podem funcionar ou não. Aconteceu comigo, mas penso que possa acontecer a todos. Mas como é bonito chegar à minha idade (sessenta e cinco anos, trinta e oito de casamento, seis de namoro: uma vida!) e entender agora – agora, não é que uma pessoa entenda, é necessária toda a vida para entender – que aquilo que você viveu não é contra você. Uma noite eu me lamentava dizendo: “Desperdicei a minha vida”; e quando finalmente entendi alguma coisa dizia a um amigo: “Quanto tempo joguei fora!”. E segue o festival de lamento. E ainda bem que aquele amigo me parou de repente dizendo: “Mas desculpa, todo o tempo que você viveu antes serviu para você estar aqui esta noite”. Porque não é que se comece a viver quando se entende. Você vive e quando entende alguma coisa se dá conta que tudo aquilo por que você passou antes foi bonito porque o trouxe a este momento. Frequentemente, na relação entre marido e mulher, uma das coisas que não se entende bem e que é fonte de briga ou de confusão, é uma coisa muito simples – não é só isto, mas isto, na minha opinião, engloba muitas coisas –: não se entende porque talvez um corre e o outro corre um pouco menos. Espero que aconteça com vocês também. Intui-se que quando um corre há um passo pelo qual se aprecia a vida. E a você que naquele momento vê tudo preto e a vida não lhe sorri, chateia-se um pouco que ele ou ela aprecie a vida. Com o tempo eu e a Angela entendemos uma coisa: primeiro era tudo um “para, desacelera, desce um pouco ao meu nível!”; e assim os dois se perdem. Quando você diz: “Para!” e o outro para, quem normalmente anda consegue convencer o outro que é quase mais correto andar do que correr. Em vez disso, chega a um ponto em que diz: “Nossa, você está correndo. Que bom que corre!”. Que bom que corre, porque na vez seguinte pode ser você a correr. E quando você chega a dizer: “Que bom que corre!” surge uma coisa muito simples: que quando acontece de ser você a correr, vira-se para trás e diz: “Corra você também”, não: “Eu paro”. E este é um amor que reconforta. Correr para onde? O que é este correr? Correr para casa, porque é Jesus que espera você, subir ao sicômoro como Zaqueu e correr ao encontro de Jesus. Entre duas pessoas intui-se quando uma está correndo e a outra não. Intui-se. Percebe-se.

### **“Que esta inquietação não o abandone nunca na vida”**

Última passagem. Muitas vezes temos medo do limite. Dizia-se também ontem: o limite, a nossa humanidade, o nosso desconforto. E aqui o profissional de quem não tem medo do limite chama-se Lele, mais uma vez o meu filho. Ele é um tipo exuberante. Quando se relaciona com alguém, normalmente acontecem três fatos em série: tentativa de te enfiar um dedo num olho, depois vem um ou outro beliscões. Contudo, estes dois gestos chegam. A sua aproximação ao outro é sempre assim. Depois disso – uma vez que não é bobo – percebe que o outro o olha com a cara feia. Mas é normal, a vida é assim. Olha-o com a cara feia, então ele se vira para os pais... que o olham ainda pior! E o que acontece a certa altura? Que dentro deste olhar feio, seja de quem foi atingido por ele, seja dos pais, tenta abraçar o mal feito. E, mesmo quando o mal feito não o abraça, ele insiste. Simples. No instante seguinte, de novo o dedo no olho, beliscão e pronto. Imaginem 24 horas, ou 12 que sejam, durante 36 anos assim. O Lele não se preocupa com o seu limite. O seu limite serve-lhe unicamente para ser abraçado. Para mim isto é belíssimo.

A última coisa que digo diz respeito à inquietação. Conto-lhes de uma conversa entre a Arianna e o Carrón (o nosso amigo padre, para quem não o conhece). Lindo! Depois da morte do Giovanni, veio um momento e períodos da sua vida bastante difíceis, sobretudo à noite quando tinha que ir para a cama sozinha no quarto. Vinha-lhe mesmo uma inquietação. Ela sempre me dizia: “Pai, não me bastam nem os amigos. Não bastam nem sequer as coisas bonitas que vi durante

o dia, para acabar com esta inquietação”. Menos mal que há alguém que é pai seriamente, muito mais do que eu. Um dia se encontra com o Carrón e lhe fala disso. A resposta que ele lhe deu é impressionante, porque nós queremos sempre resolver a inquietação, o desconforto, mascarar-la, reduzi-la, diluí-la. Carrón disse-lhe: “Arianna, eu a invejo, porque eu também sou como você. Fico feliz que esta inquietação não a abandone nunca na vida porque ela é sinal de um coração imensamente ferido. Nós vivemos num mundo que não pode suportar um coração imensamente ferido e, portanto, tenderá sempre a reduzir esta ferida, a fazê-la ficar pequena, mas com uma ferida pequena, irá se contentar com respostas pequenas, enquanto que, com uma ferida grande, terá necessidade da resposta grande, isto é, de Jesus. Agora você é que tem de decidir como deseja viver”.

**Nembrini.** Porque com uma ferida grande... não é teoria, entendem? Eu fico sempre comovido com o meu amigo Enrico, porque conta coisas muito simples, coisas que fazem a nossa vida. Uma ferida é como uma janela: quanto maior é, mais é aberta e mais entram luz e ar pela janela; quanto mais a encosta, se é que não a fecha mesmo, menos entram ar e luz. É um exemplo que também o Santo Padre deu: “Pensem num quarto fechado durante um ano; quando for lá, há um cheiro de umidade, há muitas coisas que não funcionam” (Francisco, *Vigília de Pentecostes*, 18 de maio de 2013). O que é que querem? Viver toda a vida num quarto fechado?

Quero fazer um último pedido ao Enrico. Uma vez me contou uma coisa que gostei muito. Nos diálogos, nas cartas que recebo, há um aspecto que muitas vezes nos faz confusão e temos dificuldade. Contam-me: “Eu, há vinte anos, há trinta anos, há quarenta anos, há dez anos, encontrei este olhar na comunidade, nos amigos. Uma coisa muito bonita! Senti-me abraçado, acolhido, uma coisa extraordinária. Tornei-me de CL, tornei-me cristão. Mas depois esta companhia me decepcionou. Ninguém mais tem consideração por mim. Tive este problema, aquele outro, etc, e então abandonei tudo”. Depois de conhecer todos os limites e defeitos daquela companhia inicial que me fez abraçar a fé, estes se tornaram o motivo que faz com que eu a abandone e voltamos a ficar sozinhos. Há um episódio muito bonito, muito simples da sua vida, aquele episódio do passeio da montanha com o Paolo, que nos pode ajudar a entender.

**Enrico.** Eu participo em todas as férias do Movimento com os meus filhos, nunca os escondi, porque fazem parte da realidade; e depois, com os amigos, estamos à vontade, não há problema. Uma vez – já passou algum tempo desde então – os amigos me disseram: “Amanhã venha ao passeio! Levamos também o Paolo”. Do cimo de La Thuile ao passo San Carlo são três quilômetros, dois quilômetros e meio de caminho, até chegar a um mirante natural, com o Monte Branco à sua frente. Uma coisa de tirar o fôlego. Já tinha estado lá, portanto tinha presente como era bonito. E, portanto, os amigos me dizem: “Traga também o Paolo, pois nós te ajudamos, não tem problema”. Eu me apresento no ponto de partida, fortalecido também por estes amigos que me disseram que ajudariam. Partimos. Primeira curva, já não estava mais ninguém! Eu estava ali sozinho com o Paolo! Na primeira curva tinha ficado sozinho. A primeira grande reação não foi aquela de praguejar contra os amigos, mas sim de não continuar. Vem a vontade de voltar para o hotel, onde você se sente mais protegido, onde pensa que pode tomar conta melhor do Paolo. Mas logo em seguida vem como que uma palavra de orgulho (porque precisamos de tudo na vida), que o leva a dizer: “Mas eu vou fazer eles pagarem por isso; vou mostrar-lhes do que sou capaz!”. E assim, com o Paolo, devagarzinho, devagarzinho, cheguei à segunda curva. Na segunda curva, para além daquilo que tinha pensado na primeira curva (porque a vida é assim, não é que você se esquece daquilo que fez ou do que lhe aconteceu), acrescenta-se também o cansaço do caminho, então surge novamente a vontade de voltar para trás, porém você já está no meio do caminho e então diz: “Para voltar tenho ainda assim que fazer meio caminho; é verdade que é descida, mas é sempre um caminho”. E assim decide seguir em frente. Na terceira curva há um amigo que o espera e aí começa a pensar: “Há alguém que pensa em mim. Existe! Não ligue para o resto”. E com este “existe”, você continua a subir. Como muitas vezes acontece na vida, na dificuldade que estava

sentindo para subir, me vinha à cabeça a beleza que existe lá no alto. Cheguei lá cima duas horas depois dos outros, mas também eu e o Paolo gozamos aquela beleza. Duas horas depois.

Naquele passeio percebi uma coisa: o sacrifício e a dificuldade não são objeções. Por quê? Porque estou convencido de que eu gozei muito mais aquela beleza do que aqueles que chegaram lá em cima duas horas antes. Mas então o que é a companhia? É uma coisa grande. Nunca abandonem a companhia, porque sem a companhia eu não teria partido. Sem a companhia eu não teria partido. Sem aquele amigo que me esperou na terceira curva, talvez me tivesse detido. Uma companhia que torce por você, para que você faça o seu caminho, a sua estrada, aquilo que é você que tem de fazer, não uma companhia que se substitua a você. Isto, na minha opinião, não tem preço. Não interessa nada se alguém se comporta mal com você e outro não, o importante é que haja alguém que está ali, na borda da estrada, a lhe fazer companhia na sua dificuldade, porque a dificuldade é sua, o caminho é seu. Esta é a questão.